



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social

Sub-eixo: Ética e ética profissional: fundamentos ontológicos e objetivações cotidianas

"ASSUNTO DE FAMÍLIA": uma análise a partir dos fundamentos éticos e da sociedade contemporânea

PAULA NATHALIA GALINDO DA COSTA ¹

RESUMO

Este trabalho visa promover uma análise do filme Assunto de Família, dirigido por Hirokazu Koreeda, a partir dos fundamentos da ética e considerando elementos de conjuntura da sociedade contemporânea, considerando elementos contidos na trama, sobretudo aqueles referentes às expressões da questão social e os vínculos afetivos.

Palavras-chave: ética, desigualdade social, família.

ABSTRACT

This work aims to promote an analysis of the film Shoplifters, directed by Hirokazu Koreeda, from the foundations of ethics and considering elements of the conjuncture of contemporary society, considering elements contained in the plot, especially those referring to the expressions of the social issue and affective bonds.

Keywords: ethics, social inequality, family

¹ Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho visa apresentar uma análise articulada entre o conceito de Ética baseado nas obras “Ética: fundamentos sócio-históricos” e “Código e Ética do/a Assistente Social Comentado” – ambas de autoria de Maria Lucia Silva Barroco – e o filme “Assunto de Família” sob direção de Hirokazu Koreeda, que apresenta em seu enredo uma amplitude de elementos referentes a expressões da questão social e aos vínculos afetivos.

A análise está aprofundada a partir das aulas da disciplina Ética e Serviço Social cursadas ao longo do primeiro semestre de 2022, da disciplina Ética e Serviço Social, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ministradas pela Profa. Dra. Maria Lucia Silva Barroco.

Desse modo, se propõe a apreensão dos valores e princípios contidos na

trama, assim como dos conflitos ético-morais, para ao final compreender de que modo a resolução dos conflitos contém uma direção ético-política e qual é ela.

Para tanto, partimos do entendimento da autora sobre a ética não apenas como conhecimento, mas construção histórica dos homens e modo de ser socialmente determinado, trata-se de uma prática social dos homens que se objetiva tanto nas atividades cotidianas quanto nas formas de práxis. Portanto, não é uma abstração, mas um comportamento humano que tem várias formas de se manifestar e só se dá na relação com o outro.

De acordo com Barroco, a gênese da ética está no trabalho, visto que nele as coisas são dotadas de valor e há possibilidade de alternativas de escolhas; ela não é neutra, já que exige juízos de valor. Todo indivíduo é motivado a agir eticamente, mas isso não significa que a maioria deles tenha o hábito de refletir sobre suas ações éticas, de indagar criticamente sobre os valores que reproduzem, do sentido e da razão de repetirem um comportamento moral sem questioná-lo.

A liberdade é o fundamento da ética, ela diz respeito ao fato de que alternativas abrem espaço para escolhas. Ela não é dada naturalmente, mas um produto da atividade humana, que se constituiu socialmente e historicamente na medida em que os homens sempre buscaram se libertar das opressões, portanto é ontológica e concreta. Barroco (2010) destaca que, de acordo com Marx, a gênese da liberdade não está relacionada à consciência da liberdade ou das escolhas, mas à existência de alternativas e na possibilidade concreta de escolha entre elas. A consciência também é um componente fundamental para todas as formas de realizações ético-morais.

O sujeito ético-moral é aquele socialmente capaz de responder por seus atos em termos morais, capaz de discernir entre valores (certo/errado, bom/mau), possui senso, possui consciência moral. Uma ação moral consciente é aquela em que o sujeito assume que os outros podem ou não sofrer consequências por seus atos. Moral está fundada no respeito ao outro (alteridade) e responsabilidade em relação aos resultados das ações para os outros. Ação ética só tem sentido quando o

indivíduo sai da singularidade egoísta e se relaciona com o outro a partir da solidariedade, altruísmo, companheirismo.

O filme de Koreeda, expressa um importante campo de reflexões acerca da ética como fundamento sócio-histórico a partir da análise de seus personagens, mas também a possibilidade de refletir sobre a postura profissional comprometida com o projeto ético político da profissão quando está diante de uma demanda, tendo em vista que o diretor traz à tona elementos que estão diretamente ligados ao cotidiano profissional, a saber: a constituição familiar de sujeitos em condições de vulnerabilidade social e seus modos de vida, inseridos num contexto de acentuada desigualdade social.

2. DESENVOLVIMENTO:

O filme de Koreeda apresenta em seu enredo uma família em um centro urbano no Japão, unida por laços não consanguíneos que, apesar de seus membros adultos terem alguma fonte de renda proveniente de vínculos empregatícios formais ou situações informais, não conseguem prover seu próprio sustento. Assim, convivem em situação de baixas condições de comodidade e mantêm um consenso de que a prática de pequenos furtos em estabelecimentos comerciais é fundamental para a garantia de segurança alimentar e de higiene pessoal.

Os personagens principais são:

Shota: menino com cerca de 10 anos de idade.

Lily: “pai” de Shota, trabalhador da construção civil.

Yuri: menina de 5 anos de idade.

Hatsue: idosa proprietária da casa, “pensionista”.

Nobuyo: jovem moça, trabalhadora de fábrica.

Aki: jovem moça, profissional do sexo.

Yamatoya: velho comerciante, proprietário de uma mercearia.

Com a ajuda de Lily, Shota é induzido a cometer pequenos furtos em comércios de alimentos e higiene pessoal. Logo nas primeiras cenas de furtos a um supermercado, podemos observar que Shota desenvolveu grande habilidade para executar a tarefa que lhe é posta; o contexto faz aparentar que há determinado entendimento de que o ato representa o descumprimento de uma norma social, visto que é realizado de modo bastante preciso para que passe despercebido das vistas de funcionários e clientes do local. No entanto, a prática realmente se tornou naturalizada e, ao fim dela, há um sentimento de satisfação por entender que o resultado daquilo atenderá às necessidades da família, além da preocupação ao notar, por exemplo, quando esqueceu um item necessário à higiene pessoal, e em todo o processo grande cumplicidade entre Lily e Shota.

Com relação ao entendimento do que são normas, esclarecemos que elas, juntamente com os deveres, compõem a moral; a moral se reproduz como sistema normativo historicamente desenvolvido como exigência de integração social e se realiza por meio da reprodução de normas e regras de comportamento socialmente determinadas.

Partimos do entendimento que os valores morais não são invenções dos homens, mas partem de necessidades objetivas, têm relação com as formas de produção, e na sociedade de classes são heterogêneos. O filme se passa em um centro urbano no Japão, uma das maiores economias do mundo que produz, utiliza e exporta alta potência tecnológica, e diante necessidade de sobrevivência de Shota, inserido em uma conjuntura de acentuada desigualdade social e em uma família economicamente empobrecida que o acolheu, o desenvolvimento de algumas habilidades aparece como valores importantes, pois no contexto em que o garoto vivia, ser perspicaz, ágil, astuto, ardiso, simbolizavam valores fundamentais para a manutenção de sua sobrevivência.

No enredo, o momento que a família faz o acolhimento da menina Yuri – que dentro da dinâmica de vulnerabilidade das pessoas daquela família central na história, se encontrava em uma situação de maior exposição ao risco e privação de suas necessidades, além de ser indesejada pela família de origem – demonstra um forte movimento de solidariedade e benevolência por parte de Lily e, na sequência, também dos outros membros da família, ainda que o ato representasse ônus à manutenção daquelas pessoas já tão economicamente empobrecidas.

À princípio, ainda há o questionamento por parte de um deles se a chegada de Yuri não representava o sequestro de uma criança, demonstrando uma preocupação com uma regra social, mas logo chegam ao consenso de permanecerem com ela ao notarem suas necessidades, o que marca uma escolha entre: a opção das possíveis consequências legais daquela ação e a possibilidade de a menina viver com eles em um estado de menor sofrimento no que diz respeito às violências que sofria na família de origem onde era desrespeitada em sua integridade física e psicológica.

Em diferentes situações é possível observar os personagens apresentando juízos de valor: mesmo vivendo sob condições adversas, Aki consegue avaliar que o shampoo trazido dos furtos não é tão “bom” quanto o que estava acostumada, fazendo assim uma valoração do produto; Yuri a todo tempo nega que sua mãe é a responsável pelas agressões físicas, dizendo que na verdade se macucou porque caiu e que a mãe é “boazinha” e lhe “compra roupas”, parecendo apresentar um discurso induzido; em outro momento, Nobuyo – ainda que compartilhe convivência com Aki – juntamente com um grupo de colegas de trabalho, julga moralmente uma mulher que saiu da atividade de profissional do sexo e formou família, destacando que ela agora “finge” não ter habilidades que eram inerentes à profissão, visando dissimular o novo papel que exerce agora como esposa e mãe.

Considerando que a ação moral é sempre social, mas nem todas as ações dos indivíduos têm implicações morais – pois são opções pessoais que não têm consequências para os outros – o discurso de Nobuyo tratado acima se expressa através do moralismo, que é o modo de ser movido por preconceitos, ou seja, a generalização de uma situação e o não questionamento de um juízo provisório, já

que a mulher de quem ela fala não causa nenhuma implicação ao coletivo. Enquanto que Yuri tenta a todo custo alterar a percepção alheia acerca de atributos de sua mãe, dentro de uma condição em que, as ações de violência da mulher contra a filha de fato causam uma consequência para a criança. Já Aki, faz remeter à questão do consumo do produto como exigência de integração social, tendo em vista requisitos da atividade que exerce.

Seguindo elementos apresentados no roteiro, há uma cena em que Shota desenvolve a justificativa de que só crianças que não podem estudar em casa é que vão à escola, e transmite essa ilusão a Yuri quando veem outras crianças se dirigindo às aulas formais. Em diversos momentos, o menino cria uma realidade quase que paralela para fundamentar que seu modo de vida está enquadrado dentro de padrões socialmente aceitos como bons e adequados, que ao final do filme é demarcado o quanto, de fato, aquilo era uma crença do menino.

No entanto, em determinado momento da trama, em uma loja de artigos de pesca, enquanto Lily distrai o vendedor, Yuri desconecta o sistema de alarme para que Shota passasse com varas de pescar roubadas; ao final da ação, Lily exalta a prática bem-sucedida com reforço de um valor necessário para aquilo: manter calma. Neste momento, Shota parece estar reflexivo quando verbaliza que eles não precisam de Yuri para executar os delitos, quando Lily discorda e atribui às crianças o status de irmãos, que Shota rejeita, mas afetivamente o menino claramente se comporta como tal. Neste momento parece que Shota inicia um conflito ético moral não acerca da relação que estabelece com suas ações, mas com o fato de Yuri estar as reproduzindo.

Embora aquela família represente a única referência de transmissão de valores na vida de Shota, por ele não estar vinculado a nenhuma outra instituição – apesar de seu contato com os livros e com o centro urbano –, neste momento parece que o menino passa a refletir sobre como não gostaria de transmitir a mesma referência a Yuri, num processo de reavaliação de valores.

Na sequência, aparece no noticiário o desaparecimento de Yuri e o fato de os

pais dela terem ocultado a informação por mais de dois meses, o que leva a polícia à hipótese que os pais tenham cometido um homicídio contra a criança. Neste momento, Lily sugere que ela volte para a casa dos pais, enquanto Hatsue aposta em uma troca do nome da menina sugerindo que a chamem de Hana, mas optam por Lin. Aki altera o corte de cabelo da menina, buscando criar uma nova identidade e disfarce, e após isso, Aki revela à criança que seu nome também é falso, pois na realidade se chama Sayaka.

Dados sobre a identidade daquelas pessoas são ocultos, utilizam informações falsas como algo que faz parte da manutenção daquele formato de vida, inclusive: o histórico e a relação que Hatsue mantém com a família biológica de Aki, de onde provém sua fonte de renda; o histórico de Lily e Nobuyo e a cumplicidade com relação ao crime que cometeram ao assassinar o antigo marido da jovem mulher, e como encontraram Shota; e o mais novo segredo estabelecido que diz respeito à presença de Yuri; e no terço final do filme, a omissão sobre a morte de Hatsue.

Na sequência do filme, Hatsue fala com Nobuyo sobre o fato de ter tido a certeza que Yuri optaria pelo retorno à família de origem após o caso chegar à mídia, e ainda assim a menina optou por ficar com eles, então começam a conversar sobre escolhas com frases como “normalmente você não pode escolher os próprios pais” “vínculo” e a forma como naquela família “se escolheram”. É fato que, para aquelas pessoas, as alternativas de modo de vida eram muito limitadas e, ainda assim, reconheciam que fizeram uma opção quando escolheram viver conjuntamente, por se sentirem contemplados de alguma forma.

Hatsue e Nobuyo questionam Yuri/Lin se ela já foi alguma vez à praia, e pela primeira vez no enredo os membros da família sugerem uma opção de lazer. Com esse novo elemento, passam a ter necessidades para além de alimentação e itens de higiene pela primeira vez ao longo da trama. Assim, há uma pequena ampliação da satisfação das necessidades não mais limitadas às meramente fisiológicas, então cometem furtos em uma loja de vestuários de praia – anteriormente isso se dava apenas em estabelecimentos de alimentos –, para que a menina disponha de vestimenta adequada para o local.

Nobuyo identifica elementos vivenciados em sua infância semelhantes a Yuri, e então orienta a menina para o fato de que é equivocado o entendimento de que ela apanhava de seus pais porque era má, ou a ideia de que a violência acontecia porque os adultos a amavam, pois se realmente amassem, não a agrediriam. A cena demonstra como a jovem tenta fazer com que a criança ressignifique alguns valores que porventura a façam se sentir inadequada, expressando acolhimento e afetuosidade por parte da adulta.

Um importante ponto de tensão no filme se estabelece na cena em que Shota e Yuri furtam uma mercearia, Yuri reproduz exatamente um trejeito utilizado por Shota segundos antes de ele cometer os furtos, o que revela que aquele comportamento havia sido incorporado de maneira bastante fiel. O Sr. Yamatoya, dono do estabelecimento, que parece distraído e já com baixa perspicácia, na verdade é sutil, mas muito atento e, ao perceber o ato, o idoso gentilmente oferece a Shota um produto comestível e diz ao menino: “Não deixe sua irmã fazer isso”, se referindo aos furtos. Tal orientação demarca no filme um momento crucial para Shota no sentido de reafirmar os valores que já havia começado a questionar, aquela norma já vinha, de modo gradativo, sendo subjetivamente assimilada, condição demarcada pelo episódio da loja de pesca.

Em seguida, Nobuyo e uma colega de trabalho são chamadas pelo chefe – que deve demitir uma delas por motivo de corte – para que ambas entrem em consenso sobre qual será desvinculada do trabalho. Na conversa entre as duas, Nobuyo acusa a colega de furtar o local de trabalho, mas a colega sugere que se permanecer com o emprego, não fará uma denúncia quanto a presença de Yuri em sua casa, ameaçando-a; Nobuyo cede à chantagem demarcando o forte comprometimento pela relação que passaram a estabelecer com a criança num gesto de solidariedade, ao mesmo tempo em que fica demarcado o quanto o ato de tomarem Yuri para conviver na família tinha uma valoração moral socialmente maior e menos aceita em termos de julgamento normativo que um furto no local de trabalho.

Aki está com um cliente assíduo que a procura e pode pagar por isso, mas na verdade demonstra estar entristecido, tendo praticado autoagressão e é acolhido por

Aki que é capaz de se sensibilizar diante da necessidade do rapaz, oferecendo a ele apoio emocional em um momento de fragilidade, enquanto ele tenta comprar afeto, como a única forma possível de obtê-lo, tentando pagar pelo atendimento a uma necessidade emocional como algo passível de ser consumido. Do outro lado, Lily e Nobuyo se relacionam sexualmente de forma natural e feliz, como tendo escolhido vivenciar aquele momento.

A família vai à praia, Lily explica a Shota questões sobre a puberdade; Hatsue e Nobuyo novamente conversam sobre o privilégio de poder escolher a própria família.

Shota conta a Nobuyo que, com relação aos furtos, a ideia que Lily transmite é a de que o que está em uma loja ainda não pertence a ninguém, ao que esta responde que isso enquanto a loja não vá a falência. Shota passa a questionar se os objetos alvos dos furtos não pertencem a alguém e se recusa a participar diretamente de uma ação.

Ao passar pela mercearia e encontrá-la fechada por luto, vai a outro estabelecimento para cometer um furto e pede para que Yuri aguarde do lado de fora, a menina não acata, entra no estabelecimento e quase que automaticamente começa a reproduzir os trejeitos para efetuar um furto de modo discreto e despercebido, ao notar aquilo, Shota propositalmente causa um tumulto e faz um roubo de forma muito explícita, é perseguido por funcionários do local e se joga de uma pequena ponte quebrando a perna. Existe a tendência de Shota a reproduzir a ação dos furtos como algo que está incorporado e é necessário ao sustento da família, mas em sua consciência não aceita que Yuri também o faça.

Após o ocorrido, as crianças passam a ficar sob a tutela do Estado e fazem de tudo para preservar as informações que eram combinadas com a família. Aki se surpreende ao saber que Lily e Nobuyo são nomes falsos e que ambos haviam assassinado o marido anterior desta e o enterrado. Os agentes do Estado tentam o tempo todo convencer Aki e as crianças que a relação estabelecida na família não era de afeto, mas criminosa ou por interesse financeiro, numa tentativa de eliminar o entendimento das relações de afetividade, cumplicidade e solidariedade envolvidas

no cotidiano familiar.

Yuri é reinserida na família de origem, onde é muito desprezada pela mãe, enquanto Shota é institucionalizado em um abrigo. Nobuyo, que está presa, valora o fato de ela e Lily não serem suficientemente bons para Shota, revelando ao menino detalhes de sua origem, caso ele queira buscar a família biológica; a mulher assumiu sozinha o crime de assassinato do marido, isentando Lily, e revelando mais uma vez uma postura de responsabilidade, abdicação e lealdade.

Assim, na família da qual o filme trata, solidariedade, generosidade e afetividade no relacionamento entre seus membros coexistem com um padrão em que, para se sustentar, normas e regras relativas ao modo de vida dentro do capitalismo, socialmente estabelecidas, são constantemente desrespeitadas. No entanto, importante destacar que esse elemento também aparece quando está em pauta uma família de classe média alta, que aparentemente dispõe de uma multiplicidade de alternativas, mas ainda assim mantém segredos que demarcam a quebra do que são consideradas algumas regras e normas sociais, no entanto, não se veem diante de qualquer ação punitiva por parte do Estado.

3. CONCLUSÃO:

Na medida em que os membros da família praticam atos legalmente imorais para o contexto social aceito no tempo em que vivem, na dinâmica familiar eles têm a capacidade de se solidarizarem com as necessidades alheias e de uns dos outros, inclusive agindo no atendimento a elas, tanto as fisiológicas quanto afetivas.

O fato de terem optado por viverem coletivamente, ainda que sem consanguinidade, demonstra a opção de busca por fortalecimento de relações e necessidade de compartilhar o ambiente físico de uma casa dada a emergência da satisfação de necessidades objetivas. Mesmo que houvesse pessoas inseridas no mercado de trabalho e uma idosa “pensionista”, as rendas eram insuficientes para a manutenção básica dos sujeitos.

O contexto social em que vivem demarca uma conjuntura de acentuada desigualdade social, inerente ao modo de produção capitalista. Neste modelo de produção e reprodução social, a liberdade como valor tem relação com autonomia, mas não pensada coletivamente e sim individualmente, ou seja, parte-se do entendimento do direito à liberdade como o direito de fazer tudo aquilo que não prejudique os outros como o direito à propriedade privada, o direito do interesse pessoal.

Ao longo de todo o filme, os personagens se veem diante da necessidade emergente de fazerem escolhas, demarcando conflitos ético-morais; e a chegada de Yuri, uma criança que os mobilizou afetivamente, balizou fortemente a acentuação dessa dinâmica para os diferentes personagens: escolher entre devolver a criança à família violenta ou permanecer com ela; escolher entre ser demitida do trabalho ou ser submetida às sanções legais pelo fato de a criança estar consigo. Isso tudo determinando a materialização de valores que mantinham incorporados, e dispostos a assumi-los, diante do que acreditavam ser mais coerente com o modo de relações com o qual estavam adaptados a viver na família.

O conflito que parece mais intrigante é o estabelecido pelo personagem Shota, que altera toda a dinâmica de convivência da família e causa desdobramento em todo o enredo, o que demarca de modo contundente a ética como práxis. Apesar de preservar forte relação afetiva com os membros da família, Shota se vê questionando as normas e regras daquela vivência, sobretudo na medida em que se vê num papel de referência para uma criança mais nova, e reflete o quanto seus atos podem causar implicações para ela, baseado na aplicação da moral na sociedade de classes. Com base em normas forjadas para a manutenção da sociedade burguesa, as ações do menino representam o rompimento de uma conduta que, ao seu ver, não era digna de ser reproduzida por Yuri, por quem ele estabelecera forte relação de afeto.

Naquela constituição social, no contexto familiar em que o garoto se desenvolveu, ser perspicaz, ágil, astuto, artiloso, eram valores fundamentais para a manutenção da sobrevivência (já que na sociedade de classes os valores são

heterogêneos). Na dinâmica em que se encontravam, para ele, transmitir esses valores à menina mais nova, inicialmente, compunha a dinâmica de reprodução daquele contexto, até que ele passa a questionar isso e quase que num movimento inverso ao comum – em que na transição da infância para a adolescência os sujeitos passam a transgredir normas e regras socialmente estabelecidas – Shota questiona o não cumprimento de normas sociais, e apesar de seguir praticando os pequenos delitos, se vê impelido a não influenciar Yuri.

A família é a primeira instituição de transmissão da moral, desse modo, podemos questionar: Quais eram as normas e regras transmitidas pelos adultos para as crianças? Certamente, Shota apreendeu desde muito cedo os valores necessários à sua sobrevivência naquele contexto familiar, mas não apenas os objetivos, de satisfação de necessidades materiais, mas também os afetivos e de proteção, e utilizou esse segundo naquilo que entendeu estar agindo corretamente com relação a Yuri. Ao se ver diante da aplicação das normas sociais, Shota optou por se sacrificar visando não prejudicar Yuri, assim como Nobuyo fez em relação a Lily.

Como afirma Barroco (2010), os valores morais surgem das necessidades históricas dos homens (necessidades de sobrevivência, justiça, defesa) e com a propriedade privada, os valores se tornam mais heterogêneos, valores e necessidades não são comuns a todos, com isso, a possibilidade de transgressão às normas e costumes se revela. Além disso, nunca um indivíduo vive sem valores, pois na medida em que se rejeita um, é porque outro já foi internalizado, e assim notamos Shota alterando alguns valores.

Outro apontamento para se destacar é: Quais alternativas – e possibilidades concretas de escolha entre elas – é possível a uma criança na condição de Shota, para que mantenha suas necessidades de subsistência na sociedade capitalista? Se há escolhas, quão conscientes podem ser para uma criança naquela idade e com a exigência de vivências incompatíveis com a maturidade para aquela faixa etária? Até aquele momento, o menino não teve opções diante do suprimento de suas necessidades a não ser as que estavam postas pela família, mas se viu diante de

uma crise moral quando lhe foi apresentada uma alternativa pelo Sr. Yamatoya, dono da mercearia: “*Não deixe sua irmã fazer isso*”.

Naquele momento, o menino se viu diante de uma nova alternativa, mas não diante de possibilidades concretas possíveis para não necessitar mais daquilo. Ainda assim, passou a reforçar a alternativa que lhe foi dada pelo Sr. Yamatoya, pois já a vinha valorando desde a ocasião do furto à loja de pesca. Mas para uma criança naquela idade e condições, também se coloca o questionamento: Qual seu nível de autodomínio? Em todos os aspectos da rotina, sua vontade era livre ou resultado de uma coação? A escolha livre pressupõe a existência de alternativas e seu conhecimento crítico, o que identificamos que não era uma opção na vida de Shota, a desigualdade social faz com que a liberdade absoluta não exista, pois a produção social não está à disposição da totalidade das pessoas, é fragmentada.

As exigências fundamentais ao agir ético são o autodomínio, autocontrole das paixões em função da vontade e da razão; liberdade (autonomia); consciência moral (alteridade); responsabilidade (todo ato ético moral traz uma consequência para o outro); constância ou permanência (manter o discurso e a prática).

No desfecho, a direção ético-política da resolução dos conflitos está regulada puramente atendendo a norma social pela aplicação do Direito, este muito baseado na legitimação da propriedade privada, e muito pautado na ideologia dominante, que representa um conjunto de ideias e valores que buscam a coesão social favorecedora da legitimação da ordem social burguesa e não o questionamento das injustiças as quais ela produz.

A aplicação de normas legais possibilitou às crianças uma condição objetiva de moradia com um pouco mais de acomodação em relação a que viviam, mas claramente não atendia às necessidades emocionais e de vínculos afetivos (exemplificado na cena em que Shota procura por Lily após o acolhimento institucional). Em momento algum há um questionamento por parte dos agentes do Estado com relação à desigualdade social imposta e as consequências geradas para os sujeitos que, ao mesmo tempo em que foram cobrados em deveres, estão

alienados da produção social, ainda que colaborem para produzi-la.

Ao refletirmos sobre a prática profissional do assistente social, faz-se imprescindível considerar que a direção política do estudo social de um caso, nos mais diversos perfis de demandas dentro dos espaços sociocupacionais, determina os procedimentos que serão encaminhados, e conseqüentemente os impactos que terão para a vida dos sujeitos. Tais procedimentos podem tanto vir ao encontro da garantia de direitos sociais dos sujeitos visando amenizar as iniquidades econômicas presentes na sociedade capitalista, além de possibilitar processos reflexivos que produzam saída de condições de alienação, como, ao contrário, podem funcionar como afirmação da ordem social estabelecida, inclusive representando uma prática punitiva àqueles que estão em condição de desvantagem dentro do sistema.

Desse modo, para o assistente social, construir e incorporar uma base ética sustentada em referências que venham ao encontro do projeto ético político profissional, é importante determinação para a efetividade da ação profissional, no sentido de proporcionar alterações positivas na qualidade de vida na população atendida.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO DE FAMÍLIA. Direção: Hirokazu Koreeda. Produção de: Matsuzaki Kaoru; Yose Akihiko; Taguchi Hijiri. Japão: Gaga Corporation, 2018. (121 min.).

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética:** fundamentos sócio-históricos. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2010. Biblioteca Básica de Serviço Social.

_____; TERRA, Sylvia Helena. **Código de Ética do/a Assistente Social Comentado.** Conselho Federal de Serviço Social – CFESS (Org.). São Paulo:

Cortez, 2012. Biblioteca Básica de Serviço Social.